

DISCURSOS DAS MULHERES DA PERIFERIA: O PAPEL DOS COLETIVOS NA CONTEMPORANEIDADE

(Discourses of women from the periphery: the role of collectives in current times)

Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva¹
(Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC-SP)

ABSTRACT

Discursive phenomena that occur in social media are commonly treated as the change in the relationship between public and private so as to denounce excesses and control attempts. However, the role that social media play in the constitution and in the maintenance of different Collectives has seldom been explored. Among them, Nós, mulheres da periferia (We, women from the periphery), created in 2014 by eight journalists and one designer, stands out. What do their discourses, which aim to defend fundamental humanistic values (gender, race and social class) say? What is the return to the communities involved? Answering these questions – the aim of this article – implied collecting and analyzing texts that mark the group’s trajectory, mainly the Manifest, followed by fragments of an interview and some samples of the editorial treatment of an exhibition that took these women’s voices to public space.

Keywords: *Women from the periphery. Discourses of collectives. Social media. Enunciative-discursive perspective.*

RESUMO

É comum que se trate de fenômenos discursivos que ocorrem nas mídias sociais considerando a mudança na relação entre público e privado, denunciando-se excessos e tentativas de controle, mas tem sido pouco explorado o papel dessas mídias sociais na constituição e na manutenção de diferentes Coletivos. Destaca-se, dentre eles, o Nós, mulheres da periferia, constituído em 2014 por oito jornalistas e uma designer. O que dizem seus discursos que visam à defesa de valores humanistas fundamentais: gênero, raça e classe social? Que retorno para as comunidades envolvidas? Avançar na resposta a tais questões, objetivo deste artigo, implicou recolher e analisar textos que marcam o percurso do grupo, principalmente, o Manifesto, seguido de trechos de entrevista e de algumas amostras do tratamento editorial de uma exposição que trouxe para o espaço público vozes dessas mulheres.

Palavras-chave: *Mulheres da periferia. Discursos de coletivos. Mídias sociais. Perspectiva enunciativo-discursiva.*

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e as manifestações de rua, uma constante nas metrópoles brasileiras, principalmente a partir de junho de 2013, têm possibilitado o surgimento e a multiplicação de novas práticas e comunidades discursivas, entre elas aquelas designadas sob uma rubrica ampla, Coletivos, que, ao lado de suas

¹ Professora-pesquisadora da PUC-SP, atuando no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL). Doutorado e Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pós-doutorado na Université Sorbonne Nouvelle - Paris III. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq – nível 1. Líder do grupo Atelier Linguagem e Trabalho (CNPq). Áreas de atuação: Linguística Aplicada, Análise do discurso e Linguagem e Trabalho.

especificidades, compartilham um princípio comum: a discussão de questões sociais². Entre eles, destaca-se o *Nós, mulheres da periferia*, um grupo de comunicadoras, formado por oito jornalistas e uma designer, que nasce oficialmente em 2014, via mídias sociais, depois de um período de pesquisa, planejamento e alinhamento de expectativas, com o objetivo de falar sobre a periferia a partir da dimensão feminina, de chamar a atenção para a invisibilidade e os direitos não atendidos das mulheres, em sua maioria negras, que moram em bairros periféricos de São Paulo: “Informar e divulgar ações, criar um canal de diálogo sobre **mulheres da periferia** e colocar o tema em discussão. Queremos dar voz e nos ver sentir representadas”³.

Chamar a si o papel de promover a representatividade do Coletivo resultou na elaboração de um *Manifesto*, que marca o posicionamento do grupo, e na proposta de ultrapassar o muro das atividades de trabalho *online* e ir a campo, proposta viabilizada, inicialmente, por meio do projeto *Desconstruindo estereótipos: #eumulherdaperiferia*, submetido e contemplado por edital lançado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, por meio do Programa VAI – Valorização de Iniciativas Culturais. Em linhas gerais, tal Programa tem por finalidade subsidiar atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões desprovidas de recursos materiais, e espera como retorno não só a atuação no próprio território, comunidades, circunscritas pela demanda, mas também a geração de produtos culturais: CDs, livros, documentários etc., que possam ser disponibilizados pela própria Secretaria de Cultura e revertidos em benefício de diferentes comunidades. O objeto proposto pelo grupo foi a realização de uma exposição multimídia, a fim de dar visibilidade às histórias das mulheres da periferia contadas por elas mesmas.

O que é esse objeto cultural?; quem o produz?; em que condições?; como circula?; qual o retorno para as comunidades envolvidas? Avançar nas respostas a essas questões implicou reunir textos que marcam o percurso do Coletivo: o *Manifesto*, trechos de entrevista com uma das cofundadoras do grupo e algumas amostras do tratamento editorial da exposição. A análise de tais textos como discurso levou-nos a mobilizar o quadro teórico-metodológico da análise do discurso de tradição francesa, mais especificamente as contribuições de Dominique Maingueneau, que, desde *Gênese dos discursos*, publicado em 1984, vem operando, em seus trabalhos, com a concepção de discurso como prática

² O coletivo *R.U.A* (<http://www.ruafotocoletivo.com>), por exemplo, tem atuado, por meio de fotos, para expor a desolação da tragédia ambiental de Mariana (MG); o *MinasNerds* (<http://minasnerds.com.br>), em parceria com a Defensoria Pública de São Paulo, tem combatido o *cyberbullying* por meio de cartilha e HQ. O *Nós, Madalena* (<http://nosmadalenas.tumblr.com>), o *Fala guerreira* (<http://falaguerreira.blogspot.com.br>) e o *Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde* (<http://mulheres.org.br>) estão mais centrados nas questões da mulher.

³ Princípio extraído do site do Coletivo. Disponível em: <<http://nosmulheresdaperiferia.com.br>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

discursiva, isto é, como um sistema de coerções semânticas indissociável de práticas sócio-históricas. Desdobramentos de princípios explicitados nessa obra fundadora têm dado origem e sustentação a uma série de noções articuladas, como a de ritos genéticos, cena de enunciação, destacabilidade e particitação, nas quais nos apoiamos para abordar os discursos do *Nós, mulheres da periferia*.

A noção de ritos genéticos permite entender a inseparabilidade entre os discursos e o funcionamento dos grupos que gerem esses discursos, principalmente, se recuperarmos a metáfora referente ao curso de um rio, sua nascente e foz: a maneira pela qual um texto é *produzido* e a maneira pela qual é *consumido e difundido* estão intimamente ligadas. De um discurso a outro, há uma mudança na zona que fica “acima” da enunciação propriamente dita, isto é, em seus *ritos genéticos*, expressão cunhada pelo autor para se referir ao “conjunto de atos realizados por um sujeito em vias de produzir um enunciado” (MAINGUENEAU, 2008b [1984], p. 132). Também os modos de difusão e de consumo, isto é, a foz discursiva, precisam ser considerados: não se pode estabelecer uma exterioridade entre esse aspecto e o próprio conteúdo. “Trata-se de práticas frequentemente mal conhecidas, pouco estudadas ou não postas em relação com o dito e o dizer dos discursos envolvidos” (MAINGUENEAU, 2008b [1984], p. 134). O modo de difusão está intimamente relacionado ao modo de consumo do discurso, isto é, com o que se “faz” dos textos, como eles são lidos, manipulados.

A noção de ritos genéticos, mais abrangente que a de “pré-texto”, isto é, rascunhos e documentos escritos, inclui também comportamentos não escriturais, como viagens e meditações, enfim, um conjunto de ações de preparo, diretamente envolvidas com uma dada produção escrita. Posteriormente retomada pelo autor (MAINGUENEAU, 2006 [2005]), a noção de ritos insere-se no quadro amplo de estudos voltados para a observação da produção intelectual e artística. Segue, nessa esteira, a obra *Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização*, de Salgado (2011), um estudo discursivo do funcionamento do mercado editorial e das problemáticas discursivas, comunicacionais e culturais que se põem nesse estudo.

Não é diferente o que ocorre com os discursos do Coletivo, também inseparáveis de ritos genéticos específicos: que procedimentos escriturais e não escriturais marcaram a atividade de trabalho das jornalistas e da designer no seu intuito de dar voz às mulheres da periferia?; qual seu percurso até a realização da exposição? Começemos pelo *Manifesto*⁴, objeto de análise privilegiado neste artigo:

⁴ Disponível no site do Coletivo: <<http://nosmulheresdaperiferia.com.br>>. Acesso em: 15 set. 2015.

“Somos maioria. Somos minoria. Pobres, pretas, brancas, periféricas. Migrante, nordestina, baianinha, quilombola, indígena.

Somos aquela que, depois de 8h de trabalho e 4h no transporte público, – “Dá um passo mais pro fundo, colega”, que ainda passa a roupa e nina o bebê.

Mas mesmo assim arruma tempo para o lazer. A novela, a música, a dança, o livro, anestesia, faz sonhar, faz esquecer.

Somos quem tira a toalha molhada de cima da cama, e leva os copos para a cozinha. – “A janta tá pronta?”

Somos as mães que trabalham para as filhas estudarem.

Somos as filhas que se formam na universidade para as mães voltarem para a escola.

Somos operárias, empreendedoras, manicures, jornalistas, costureiras, motoristas, advogadas.

Somos esposas, mães, irmãs, primas, tias, comadres, vizinhas.

Somos a menina que não pode brincar de bolinha de gude, nem de carrinho de rolimã.

Somos a irmã que cuida dos irmãos mais novos até a mãe voltar do serviço. E que lava a louça do almoço enquanto o irmão vai jogar bola.

Somos a novinha insegura que esconde que ainda tem vontade de pular amarelinha, e se produz pra impressionar no baile. E lá desce até o chão.

Somos aquela que, quando o cara pede, faz tudo o que ele quer. – “Piriguete, piranha, vaca, vadia, vagabunda, puta”.

Somos quem não pode andar sem acompanhante na rua à noite.

Somos proibidas de frequentar os bares e botecos.

Somos aquela que não pode ter amizade com alguém de outro sexo.

Somos aquela que é criticada por não ter marido.

Somos apontadas na rua ao buscar camisinha no posto de saúde.

Somos culpabilizadas por filhos indesejados.

– “Quem garante que esse filho é meu?”

Somos mães solteiras que registram os nomes dos filhos de pais “desconhecidos”.

Somos as “mãezinhas” que gritam nos corredores da maternidade. – “Na hora de fazer não gritou!”.

Somos avós que criam os frutos da gravidez na adolescência.

Somos aquelas que amam os filhos da patroa.

Somos quem dá conta do recado quando nossos homens faltam. As que seguram as pontas quando são presos.

Somos quem chora quando nossos filhos são mortos por serem suspeitos.

Somos mães de maio, de junho, setembro...

Somos quem vai ao posto atrás de remédio e pra agendar consulta pra daqui a cinco meses.

Somos quem cria os abaixo-assinados para pedir creches.

Somos quem trabalha em mutirão carregando bloco e fazendo marmita.

Somos quem denuncia que a vizinha apanha do marido.

Somos amor, perdão, paciência, doçura, fortaleza. Somos esperança.

Somos Nós, mulheres da periferia!”

1 **MANIFESTO: A CONSTRUÇÃO DE UMA CENOGRAFIA**

Quando acessamos a noção de cena de enunciação, mobilizamos um sintagma que carrega consigo o termo “cena”, que tem a vantagem de poder se referir tanto a um quadro (“a cena representa...”), quanto a um processo (“ao longo da cena...”), permitindo, ainda, “realçar a importância do trabalho a que se dedicam permanentemente os participantes de um gênero de discurso: o de *colocarem-se em cena*” (MAINGUENEAU, 2013, p. 190, grifo do autor).

Lembremos que a cena de enunciação comporta três componentes: a cena englobante, que corresponde ao tipo de discurso; a cena genérica, ao gênero de discurso; e a cenografia. As duas primeiras constituem o quadro cênico, que define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido, no caso, o gênero discursivo *Manifesto*, caracterizado como tal em função da imbricação de um lugar social, também entendido como instituição-fonte, e de um texto, por meio de um dispositivo de enunciação específico. Embora, sob uma perspectiva discursiva, o gênero seja uma categoria fundamental, “não é suficiente para dar acesso ao sentido da atividade enunciativa, apenas a cenografia permite capturar a singularidade de um texto” (MAINGUENEAU, 2013, p. 190)

A cenografia não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele. Essa noção se apoia na ideia de que o enunciador deve desenvolver, por meio de sua enunciação, a situação a partir da qual ele pretende enunciar.

O enunciador, desde o início do *Manifesto*, estabelece, por meio de sua enunciação, a situação a partir da qual ele pretende enunciar: apresenta-se como porta-voz de um grupo que, embora majoritário, ocupa posição marginal na sociedade por sua condição econômica, social, racial:

**Somos maioria. Somos minoria. Pobres, pretas, brancas, periféricas.
Migrante, nordestina, baianinha, quilombola, indígena.**⁵

Esse estatuto de porta-voz é construído no próprio discurso por um conjunto de enunciados reiteradamente assumidos por um *nós* coletivo, seguidos também reiteradamente por orações relativas restritivas (indicadas em negrito), que, por funcionarem como

⁵ O preconceito em relação a tais grupos aparece em vários artigos que compõem o livro *Discurso e (des)igualdade social*, organizado por Glaucia Proença Lara e Rita Pacheco Limberti (São Paulo: Contexto, 2015).

modificadores, possibilitam que o enunciador, *Nós, mulheres da periferia*, explicita os preconceitos de gênero e de classe social a que estão sujeitas as mulheres da periferia:

Somos a irmã **que cuida dos irmãos mais novos até a mãe voltar do serviço. E que lava a louça do almoço enquanto o irmão vai jogar bola.**

Somos a menina **que não pode brincar de bolinha de gude, nem de carrinho de rolimã.**

Somos **quem não pode andar sem acompanhante na rua à noite.** Somos proibidas de frequentar os bares e botecos.

Somos aquela **que não pode ter amizade com alguém de outro sexo.** Somos aquela **que é criticada por não ter marido.**

O lugar, entendido aqui como topografia, que a mulher da periferia ocupa é o da proibição, da interdição, expresso em enunciados marcados pelo auxiliar modal *poder*, que, por estar precedido da negação, deixa de indicar possibilidade e direito para explicitar recusa e proibição. Tais enunciados, que podemos abrigar sob a rubrica denúncia, operam a partir de uma divisão masculino/feminino: de um lado, as mulheres, do lar, do espaço privado; de outro, os homens, a quem é facultado o espaço público, a diversão.

A mulher, a quem é vedada a presença em lugares públicos, é, no entanto, aquela que ocupa o lugar da força, da coragem; aquela que faz parte de uma rede de solidariedade, de uma comunidade de pertencimento vigorosa.

Somos as *mães* **que trabalham para as filhas estudarem.**

Somos as *filhas* **que se formam na universidade para as mães voltarem para a escola.**

Somos *avós* **que criam os frutos da gravidez na adolescência.**

Encontramos aqui o *topos* imemorial, que atribui à mãe, à mulher uma força sobrevalorizada por valores positivos, que ativam os estereótipos associados à maternidade. São elas que ocupam, muitas vezes, os lugares também tradicionalmente atribuídos aos homens:

Somos **quem dá conta do recado quando nossos homens faltam. As que seguram as pontas quando são presos.**

Somos **quem vai ao posto atrás de remédio e pra agendar consulta pra daqui a cinco meses. Somos quem cria os abaixo-assinados para pedir creches.**

Somos **quem chora quando nossos filhos são mortos por serem suspeitos**.
Somos mães de maio, de junho, setembro...

Evocando o mítico movimento das *Madres de la Plaza de Mayo* – mulheres que se reuniam nesse local, durante a violenta ditadura militar argentina (1976-1983), segurando cartazes de seus filhos e netos desaparecidos –, o enunciador dá a ver a dimensão temporal da cenografia, sua cronografia, por meio da qual inscreve seu próprio discurso em uma memória compartilhada e reconstruída por aqueles que a invocam. Memória essa que se pretende ampliada: em todos os meses do ano...

A análise de alguns dos enunciados pode ser mais bem compreendida se retomarmos outros dois conceitos propostos por Maingueneau (2008a; 2010; 2014 [2012]) o de destacabilidade e o de particitação. A destacabilidade se refere ao fato de que certos enunciados circulam independentemente de seus textos e de seus “contextos” de origem, em decorrência de um conjunto de propriedades formais e de sentido: apresentam-se como autônomos de um ponto de vista textual (não há necessidade de considerar o que os precede e o que os segue para compreendê-los) e enunciativo (generalizações que, frequentemente, ocupam uma posição saliente). Essa problemática, inicialmente desenvolvida em *Cenas da Enunciação* (2008a) e em *Doze conceitos em Análise do Discurso* (2010), aparece em um todo orgânico materializado no livro *Frases sem texto* (2014 [2012]). “Sem texto” indica o final de um processo que vai da destacabilidade ao destacamento de enunciados, que adquirem, assim, o estatuto de aforizações, as quais podem ser agrupadas, segundo seu funcionamento, em dois conjuntos: aforizações primárias e aforizações secundárias.

As primárias abrangem os provérbios, as máximas heroicas, as fórmulas filosóficas, os adágios jurídicos etc. As secundárias resultam do destacamento de um texto e da inserção em um novo texto e caracterizam, principalmente, os discursos da atualidade midiática e política, embora ocorram também “nos discursos que pretendem tocar os fundamentos: literário, filosófico, psicanalítico ou religioso” (MAINGUENEAU, 2014 [2012], p. 11). Enquanto

[...] a grande maioria das aforizações secundárias desaparece assim que elas são destacadas, algumas entram em uma memória coletiva, disponíveis para um reemprego: elas se somam às aforizações primárias, destinadas a serem retomadas no interior de uma comunidade mais ou menos vasta” (MAINGUENEAU, 2014 [2012], p. 69).

Trata-se de aforizações candidatas à *participação*, palavra-valise (participação + citação) característica dos enunciados sem menção do autor; difere, portanto, da citação

prototípica pelo seu caráter autônomo e por seu pertencimento ao que se poderia denominar um *thesaurus*, isto é, um conjunto de enunciados de contornos mais ou menos fluidos, indissociável da comunidade na qual circulam.

Alguns dos enunciados do *Manifesto* podem ser enquadrados na rubrica *participações de grupo*, dadas suas características: circulam sem que o locutor indique a sua fonte; o caráter de citação é marcado por um deslocamento interno à enunciação, no caso, os trechos aspeados (indicados em itálico), e implicam a existência de um exterior hostil ou indiferente:

Somos aquela que, depois de 8h de trabalho e 4h no transporte público – *“Dá um passo mais pro fundo, colega”* –, ainda passa a roupa e nina o bebê.

Somos quem tira a toalha molhada de cima da cama, e leva os copos para a cozinha. – *“A janta tá pronta?”*

Somos aquela que, quando o cara pede, faz tudo o que ele quer. – *“Piriguete, piranha, vaca, vadia, vagabunda, puta”*.

Somos culpabilizadas por filhos indesejados. – *“Quem garante que esse filho é meu?”*

Somos as *“mãezinhas”* que gritam nos corredores da maternidade. – *“Na hora de fazer não gritou!”*

As questões que essas participações levantam são de natureza variada, mas, dada a posição em que se encontram – encaixamento/dependência em relação a outras orações, todas elas relativas restritivas⁶ – aparecem sempre ligadas à condição precária da mulher, mais acentuadamente à da mulher da periferia: carência de transporte coletivo de qualidade, afetando quem acumula dupla jornada de trabalho – *“Dá um passo mais pro fundo, colega”* – e não vislumbra possibilidade de divisão igualitária de suas atividades – *“A janta tá pronta?”*; carência de atendimento médico/de saúde humanizado – *“Na hora de fazer não gritou!”*; desrespeito à sua dignidade, expressa por itens lexicais que se situam no espectro da desqualificação, da grosseria e da agressividade – *“Piriguete, piranha, vaca, vadia, vagabunda, puta”*, *“Quem garante que esse filho é meu?”*.

A voz que fala na participação é a de um hiperenunciador que funda os diversos enunciados assumidos por esse ator, o *Nós, mulheres da periferia*, “e cuja autoridade garante menos a verdade do enunciado – no sentido estrito de uma adequação a um estado de coisas do mundo –, e mais amplamente sua ‘validade’, sua adequação aos valores de uma

⁶ O enunciado “Somos culpabilizadas por filhos indesejados” resulta do apagamento do pronome relativo *que* e da cópula.

coletividade” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 95). Valores carregados de amor, perdão, paciência, doçura, fortaleza e esperança que dão estabilidade ao grupo:

Somos amor, perdão, paciência, doçura, fortaleza. Somos esperança.
Somos Nós, mulheres da periferia!

2 DO *MANIFESTO À EXPOSIÇÃO MULTIMÍDIA*

A formulação de ritos genéticos, tal como explicitada anteriormente, permite depreender alguns comportamentos escriturais e não escriturais do *Nós, mulheres da periferia* para a realização da exposição, resultado do projeto apoiado pelo Programa VAI – Valorização de Iniciativas Culturais, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. O intuito do grupo era aproximar-se de mulheres de diferentes periferias da capital e criar espaço para a circulação de seus discursos. Como esse espaço foi viabilizado? Sair da proposta escrita, isto é, das normas hierárquicas advindas da Secretaria e daquelas que constavam do projeto, para a atividade de trabalho foi um processo de constantes renormalizações.

Entrevistas em diferentes momentos, transformadas aqui em relato, com uma das cofundadoras do Coletivo, Regiany Silva, permitiram depreender as várias etapas do processo, focado na realização de oficinas direcionadas para a discussão de temas já desencadeados pelo Coletivo nas mídias digitais, mas aos quais a maior parte das mulheres da periferia não tinha acesso.

Considerando as necessidades do projeto, a natureza distinta das atividades, a concomitância de alguma delas e as habilidades e os interesses de cada integrante, o Coletivo se organizou em três grupos de trabalho: *secretaria*, responsável por articular e agendar oficinas em parceria com associações e escolas públicas que já realizassem algum trabalho direcionado, seja para a temática de gênero, seja para questões referentes à relação comunidade-bairro; *metodologia*, responsável pela concepção das várias etapas das oficinas e do roteiro das entrevistas pós-oficinas; e *recursos*, responsável pela aquisição de equipamentos e materiais imprescindíveis ao andamento do projeto: aparelhos fotográficos, telas, papéis, projetor, notebook, etc. Esse grupo responsabilizou-se também pela contratação de fotógrafas, encarregadas da atuação em algumas etapas das oficinas, e da equipe de filmagem, encarregada do registro das oficinas e da produção das entrevistas em vídeo. Os três subgrupos atuavam simultaneamente e faziam reuniões periódicas via *Skype*, prática

comum, já que o Coletivo, como grupo, não possui sede própria e quase todas as suas atividades de trabalho são realizadas remotamente, com comunicação predominantemente *online*.

As oficinas foram realizadas em parceria com seis organizações que preencheram os requisitos já explicitados e que estavam localizadas, respectivamente, na zona leste (Casa Viviane e Centro Educacional Unificado (CEU) Três Pontes); na zona sul (União Popular de Mulheres e Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (Cieja) Campo Limpo) e na zona norte (Casa das Crioulas e Associação de Mulheres Amigas de Jova Rural), de modo a atingir, de forma equilibrada, as regiões nas quais se concentram as maiores porções periféricas da cidade.

Cada uma dessas oficinas previa dois encontros, com grupos de 10 a 15 mulheres de cada uma das organizações, centrados em debates desencadeados a partir de peças televisivas, jornalísticas e publicitárias, selecionadas segundo três eixos de representação da mulher da periferia: gênero, classe social e raça, a fim de levá-las a refletir coletivamente sobre os estereótipos que circulam na mídia, uma maneira de sensibilizá-las a responder à questão: *quem somos nós nos discursos da mídia?* Com base nesses debates, as participantes foram solicitadas, em um segundo momento, a produzir fotografias, textos, desenhos e pinturas relacionados às suas histórias de vida, sonhos e questionamentos, exercícios esses que as levaram a refletir sobre a seguinte questão: *quem somos nós por nós mesmas?* Finalmente, algumas delas foram convidadas para participar de entrevistas, realizadas em suas próprias casas.

Figura 1⁷ - Oficina realizada na Casa das Crioulas, zona norte



Apesar das normas estabelecidas pelo próprio Coletivo, normas essas que funcionam como antecipação das tarefas, surgiram várias dificuldades, sejam relacionadas a questões logísticas (dificuldade de transporte de equipamentos e materiais no transporte público, dado

⁷ Fotos disponíveis em <<http://nosmulheresdaperiferia.com.br>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

que as mulheres do Coletivo não têm condução própria; negociações de horário com as diferentes organizações), sejam as que decorrem da dinâmica e da interação dessas mulheres com as participantes de cada uma das oficinas. Como bem explicita Silva (2017; no prelo), em testemunho para a revista *Ergologia*, “o maior aprendizado foi entender que cada situação de trabalho é única, que o planejamento antecipa muitas situações, mas nunca dá conta das variáveis que só a própria atividade é capaz de trazer”.

3 EXPOSIÇÃO QUEM SOMOS [POR NÓS] NO CENTRO CULTURAL DA JUVENTUDE

Figura 2⁸ - Cartaz da exposição realizada no Centro Cultural da Juventude, Vila Nova Cachoeirinha, zona norte



A realização da exposição multimídia, marca formal do encerramento do projeto, implicou, por parte do Coletivo, a curadoria dos diferentes materiais, a edição textual e audiovisual do conjunto de fotos, telas e textos produzidos nas oficinas e nas entrevistas em vídeo, a concepção da estrutura da instalação, adequada a receber os diversos materiais, “um conjunto que pudesse ser visto como uma obra artística ‘assinada’ pelas mulheres, cerca de noventa, que participaram dessas atividades”, na voz da entrevistada Regiany Silva.

Como esse evento foi apresentado, divulgado? Por meio de um cartaz (fig. 2), constituído por uma frase “sem texto”: “A mídia não conta a minha história”, associado ao rosto de uma negra. O nome próprio, localizado logo abaixo em letras maiúsculas, funciona também como uma assinatura, e não como uma simples designação.

Finalmente, o retorno à comunidade se deu por meio da exposição⁹, aberta no dia 21 de novembro de 2015, no Centro Cultural da Juventude Vila Nova Cachoeirinha, zona norte, onde permaneceu durante um mês. Nesse dia, estavam presentes várias das mulheres, de

⁸ Cartaz disponível em: <<https://www.facebook.com/nosmulheresdapерiferia/>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

⁹ Estive presente durante todo o evento.

diferentes idades, que participaram das oficinas. “Elas não estão nas capas de revistas de moda, nem ocupam posição de poder, mas querem que suas vozes sejam ouvidas”¹⁰

No contexto da exposição, não necessariamente sob a forma canônica de aforizações, circularam enunciados destextualizados, textos, fotos e pinturas, trazendo as vozes dessas mulheres. De um lado, caixotes dispostos pelo chão continham revistas, cujos textos reforçam estereótipos sobre as mulheres negras. Neles estavam inscritos depoimentos que representam a não aceitação, a rejeição da negritude no ambiente escolar. De outro, pinturas, autorretratos e fotografias mostram mulheres que “arrumam tempo para o lazer” e “se produzem para impressionar no baile”. “São maioria. São minoria. Pretas, brancas, periféricas”. “São amor, doçura, fortaleza” (fig. 3):

Figura 3¹¹ - Textos, fotos e pinturas produzidos nas oficinas e expostos na exposição Quem somos [por nós]



Esses e outros enunciados, cuja análise será desenvolvida em trabalho futuro, permitem apreender os discursos em circulação, um diálogo entre dois posicionamentos: o desafio de fazer frente a uma sociedade racista, machista e socialmente desigual e a irreverência e a força de sobreviver nesse meio, discursos esses já anunciados no *Manifesto*, objeto preferencial de análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso do Coletivo *Nós, mulheres da periferia* implicou o investimento em diferentes procedimentos escriturais e não escriturais que deram origem ao *Manifesto* e possibilitaram o desenvolvimento das várias atividades de trabalho que tiveram lugar nas oficinas: fotos, vídeos, rodas de discussão, filmagens. Tais procedimentos, entendidos como

¹⁰ Frase extraída de vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=87Lv1RVMRi0>> Acesso em: 08 jul. 2016.

¹¹ Imagens extraídas de vídeo disponibilizado em: <<https://www.youtube.com/watch?v=87Lv1RVMRi0>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

ritos genéticos, encontraram na exposição seu modo de difusão e consumo. Tem-se aqui a inseparabilidade entre os discursos e o funcionamento dos grupos que gerem esses discursos: nascente e foz discursiva estão intimamente relacionadas.

Do ponto de vista das mulheres participantes das oficinas, cerca de noventa, a exposição se apresentou como um novo espaço de fala, de circulação de discursos produzidos por elas mesmas. Do ponto de vista do Coletivo, a atividade que resultou na construção/produção da exposição permitiu ao grupo ultrapassar seu funcionamento, circunscrito a um campo estritamente virtual e aceder a espaços físicos e públicos.

Recebido em: maio de 2017
Aprovado em: junho de 2017
cecilinh@uol.com.br

REFERÊNCIAS

MAINGUENEAU, D. *O discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006 [2005].

_____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008a.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008b [1984].

_____. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. Argumentação e cenografia. In: BRUNELLI, A. F.; MUSSALIM, F.; FONSECA-SILVA, M. C. (Org.) *Língua, texto, sujeito e (inter)discurso*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013. p. 187-204.

_____. *Frases sem texto*. São Paulo: Parábola, 2014 [2012].

SALGADO, L. S. *Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011.

SILVA, R. Mulheres da periferia desconstruindo estereótipos: desafios e aprendizados da atividade de trabalho. In: *Ergologia*. 2017, (17). No prelo.